

Cadernos escolares e pastas de atividades possibilitando as narrativas das lembranças da escolarização inicial das professoras e da pesquisadora: uma metáfora entre flores e espinhos

Cleane Aparecida dos Santos¹

GDn^o7 – Formação de professores que ensinam matemática

Resumo do trabalho. A possibilidade do professor refletir a sua trajetória estudantil por meio das narrativas tem propiciado pesquisas no campo da formação de professores. Este trabalho é um recorte de uma pesquisa de doutorado em andamento, de abordagem qualitativa, denominada de pesquisa-formação e que tem como objetivos: (1) Analisar as potencialidades das fotografias pertencentes ao acervo particular dos professores colaboradores apoiadas pela produção de entrevistas narrativas sobre as suas lembranças de escolarização e formação; (2) Analisar indícios da cultura de aula de matemática presente nos contextos vividos por eles; e (3) Buscar indícios de ressignificações desses professores quando estes compartilham as suas experiências. A questão central é: “Que indícios da cultura de aula de matemática são revelados e mobilizados pelos professores quando estes revisitam as fotografias e produzem narrativas sobre o percurso vivido e que são compartilhadas no grupo de discussão?” Os professores participantes da pesquisa atuam na Educação Infantil (0 a 3 anos). Para este trabalho selecionei as narrativas das professoras Sueli, Mariana e da pesquisadora. Os dados foram produzidos a partir do diário de campo da pesquisadora e transcrição das audiogravações da entrevista narrativa. As primeiras reflexões revelaram a cultura escolar vivida pelos participantes, especialmente das questões relacionadas à matemática.

Palavras-chave: formação de professores; narrativa; culturas escolares.

As primeiras palavras

A presente comunicação refere-se a uma pesquisa de doutorado - em andamento - no Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Educação da Universidade São Francisco - Itatiba/SP. O trabalho está sendo realizado pela autora, diretora efetiva de Educação Infantil I de uma escola pública municipal de Jundiaí/SP. Trata-se de uma pesquisa-formação (JOSSO, 2004) entendendo que a pesquisadora ao realizar análises do material produzido poderá: identificar a cultura escolar presente/ausente no período de escolarização, em especial da aula de matemática, compreender as potencialidades e os limites do uso da fotografia como ferramenta para a pesquisa e identificar momentos de história do ensino da matemática.

O foco está centrado nos estudos biográficos (FERRAROTTI, 2010) como elemento norteador e reflexivo no campo da formação de professores. Para iniciar o trabalho com as narrativas, optou-se por trazer a fotografia, como ferramenta, por acreditar na sua

¹ Universidade São Francisco, e-mail: cleane.santos@bol.com.br, orientadora: Dra Adair Mendes Nacarato

potencialidade e também como elemento disparador para aproximação da pesquisadora com os entrevistados. Acrescento que duas participantes possuíam materialidade escolar: a professora Sueli² e a pesquisadora.

Reitero que para esta comunicação optou-se por apresentar a narrativa da professora Sueli, Mariana e da pesquisadora. O texto foi organizado nas seguintes seções: um breve resgate sobre a narrativa no campo da formação de professores; na outra seção, trago uma tessitura apontando as possibilidades do trabalho com a fotografia e a narrativa; em seguida, o percurso construído para a realização da entrevista narrativa com a professora Sueli e Mariana e, na última parte do texto, as primeiras reflexões deste percurso.

Narrativas na formação de professores

As pesquisas educacionais que têm como recorte as narrativas autobiográficas nos processos de formação têm seu fortalecimento a partir dos anos de 1990, momento em que houve muitas mudanças sobre a concepção metodológica na pesquisa acadêmica. Desta forma, esse movimento foi importante, pois possibilitou novos “olhares” para a formação docente, especialmente, na tentativa de romper com o modelo da racionalidade técnica, na qual a voz do professor por muito tempo foi desconsiderada nos trabalhos científicos.

Com a chegada do século XXI, uma nova demanda redesenhou -se no cenário da formação docente surgindo a necessidade de pesquisas nas temáticas que tratavam da identidade e da profissionalização docente e, ainda, nos processos de investigação sobre as escritas de si no processo de formação docente.

A partir dos estudos de Pineau (1999) trago o conceito de reflexividade autobiográfica. Assim, possibilitar aos professores se colocarem no movimento de narrarem pode possibilitar uma reflexão ao tomar consciência de si sobre o que fizeram delas e que certamente as constituem como profissionais.

Apoiando-me em Josso (2004, p. 48), considero que as experiências formativas são definidas como aquelas que implicam “uma articulação conscientemente elaborada entre atividade, sensibilidade, afetividade e ideação”.

² Todos os nomes das participantes são fictícios

Assim, as narrativas das experiências em formação (PASSEGI, 2010) dentro de um grupo podem mobilizar saberes, a partir de uma reflexão mais atenta das professoras rompendo com a concepção de um olhar que não vê e de uma escrita que não transcende.

Os primeiros flashes: a fotografia e a narrativa como diálogos possíveis

Mas o que é fotografia? Quem já se deparou ou até mesmo colecionou um álbum de fotografias de família, de casamento, ou de uma data especial? Sontag (2004, p.19) aponta: “Por meio de fotos, cada família constrói uma crônica visual de si mesma”. Desta forma, a fotografia a partir da sua invenção ocorrida no século XIX tem sido um marco histórico, na medida em que, vem possibilitando que muitas histórias sejam contadas e recontadas.

Nos dias de hoje, creio que a fotografia se tornou, em virtude, da possibilidade do aparato estar à disposição cada vez mais das pessoas, seja pela própria máquina fotográfica como em outros recursos tecnológicos, a produção de um instantâneo ficou muito mais rápida e de fácil publicação, portanto, o que se tem observado é que milhares de pessoas criam álbuns virtuais em poucos minutos. A partir de um clique congelam o seu cotidiano dando ou não sentido ao que foi fotografado, concebendo muitas vezes, a imagem produzida de forma pragmática e volátil.

Nessa perspectiva, a fotografia pode ser considerada como: cicatriz, convite, esquecimento, memória, recordação, aproximação, ou ainda, uma imagem que ao ser congelada estabelece uma relação dialógica com o tempo, o espaço e as pessoas pertencentes ou não a ela nesse enredo. Para Kossoy (2007) a fotografia é “objeto relicário” que mantém a lembrança.

Neste trabalho as fotografias do tempo de escola dos professores colaboradores tomam o sentido de guarda, de pertencimento, de subjetividade e de coletividade. Trata-se aqui da possibilidade de um movimento de nos reconhecermos, a partir da fotografia como sujeitos históricos. A fotografia é testemunho de algo que ocorreu, portanto, pode informar e re(contar) uma história de vida e da escola na qual frequentamos grande parte de nossas vidas.

Para Alves (2008) as fotografias “oficiais” de escola revelaram dentre os inúmeros instantes capturados: as turmas e a professora da sala, que por sua vez, na maioria das vezes, ocupava lugar de destaque na foto, os eventos ocorridos na escola entre outros.

Tentar ressignificar além da imagem requer uma intensa operação de caça, das brechas, dos silêncios, dos indícios, das fissuras, das cicatrizes e principalmente das vozes. Para Benjamim (2011), as fotografias podem trazer significados ocultos de essência ímpar.

Neste sentido, a fotografia contada pelo narrador/professor possibilita informar, representar e fazer significar um acontecimento dentro de uma fatia temporal e espacial do instante ali flagrado. Dada a limitação para escrita deste texto, nesta comunicação não compartilharei as fotografias das professoras, no entanto, destaco que elas contribuíram para importantes reflexões na pesquisa.

O espaço do encontro: as fotografias sobre a mesa fomentando a narrativa

Comumente muitos professores durante as suas trajetórias estudantis guardam lembranças do tempo de escola, e especialmente, algumas por meio das fotografias. Nesse sentido, os professores quando revisitam as fotografias narram lembranças diversas. Possivelmente virão à tona as recordações dos materiais escolares, dos uniformes, dos amigos, dos professores, da disciplina preferida e temida, das provas, dos livros didáticos, assim como toda a materialidade que se configurou possibilitando suscitar nessas professoras os sentimentos de pertencimento, de distanciamento e/ou estranhamento. Nesse último, talvez resida a riqueza para os professores e a pesquisadora para pensarmos quem somos e o que fizemos conosco nessa viagem pelos bancos escolares.

Desta forma, para viabilizar a concretização desse “espaço do encontro”, a pesquisadora buscou criar um ambiente permeado pelo respeito e confiabilidade. Vale destacar que este encontro foi realizado fora do ambiente institucional de ambas, a fim de estabelecer uma proximidade da pesquisadora com a entrevistada. Situando o contexto experienciado, apresento a nota de campo dentro da perspectiva de Clandinin e Connelly(2011) produzida pela pesquisadora.

A estação do ano era outono, um sábado chuvoso e de temperatura baixa, talvez tenha sido a mais baixa do ano. De qualquer forma, já havia separado o material da entrevistada há alguns dias. Preparei uma toalha branca, com as fotos e os materiais (atividades realizadas na educação infantil) trazidos pela Sueli. A sensação de tê-los a minha disposição me trazia muita insegurança, por se tratar de “coisas preciosas”. A campainha tocou às nove horas em ponto, conforme havíamos combinado. Nossa! Pensei, ela veio! Recebi Sueli e seu filho! Ela já frequentava esporadicamente a minha casa, pois já nos conhecíamos. Sueli tem grau de parentesco com a minha filha que acabou ajudando-me nesse dia, cuidando do filho dela durante a entrevista. Mamis e Papito, forma carinhosa de chamar os meus pais, ao saberem da vinda da Sueli se anteciparam e prepararam um almoço mineiro delicioso e para a sobremesa mousse de maracujá!. Confesso que estava muito nervosa e para começar a entrevista, arrisquei-me mostrando

uma fotografia dela e perguntei-lhe sobre o que ela recordava, só sei que pelas minhas impressões tudo estava tenso e pude conformar isto na videogravação, pelos gestos, silêncios, posicionamento dos braços... Com o passar do tempo parece-me que a conversa ficou gostosa, mais leve. Sueli apresentou-me nas suas palavras muitos achados, descobertas, inquietações, e é claro que algumas questões que gostaria que tivessem vindo não apareceram e uma certeza foi desconstruída!. Que bom! A fotografia não foi a ferramenta central de toda a materialidade apresentada e sim um disparador para a conversa, a partir dela reavivou-se a memória, risos e frustrações. Em alguns momentos, as narrativas de Sueli tornaram-se minhas histórias também, especialmente quando ela falou sobre a lembrança que tinha do “cheiro” do giz de cera, não hesitei e logo falei da caixa de lápis de Faber Castell de 48 cores que não tive! (nota de campo da pesquisadora em 24 de maio 2014)

A nota de campo pode recuperar detalhes importantes acontecidos durante a entrevista. Creio que ela possibilitou por parte da pesquisadora compreender alguns fenômenos ocorridos no momento da entrevista que expressos na nota puderam ser ressignificados.

A primeira delas sinalizada pela nota de campo foi quando a pesquisadora se colocou como “personagem” do evento, conforme (CLANDININ; CONNELLY, 2011), ou seja, ela se torna parceira neste encontro com a entrevistada, conforme a escrita: *“Em alguns momentos, as narrativas de Sueli tornaram-se minhas histórias também, especialmente quando ela falou sobre a lembrança que tinha do “cheiro” do giz de cera, não hesitei e logo falei da caixa de lápis de Faber Castell de 48 cores que não tive!”* (nota de campo).

Outra questão a ser pontuada foi exemplificada na frase *“Confesso que estava muito nervosa”* (nota de campo da pesquisadora), apoiando-me em Ferrarotti (2010) que “toda entrevista biográfica é uma interação social completa, um sistema de papéis, de expectativa, de injunções de normas e valores explícitos e, por vezes, até de sanções. Toda entrevista biográfica esconde tensões, conflitos e hierarquias de poder [...]” (p. 46).

Desta forma, esse contato da pesquisadora com a entrevistada, embora demande um planejamento para se estabelecer um clima favorável, esbarra num movimento que envolve uma complexidade entre os pares, especialmente da própria relação da pesquisadora com a entrevistada. Assim, toda entrevista gera expectativas, alegrias e angústias e uma relação de poder.

Nesta seção trago fragmentos das narrativas e materialidade escolar de Sueli e da pesquisadora, a fim de identificar as regularidades presentes das culturas escolares das aulas de Matemática durante o processo de escolarização inicial. Para compor a nossa história apresento também excertos da narrativa de Mariana, que embora não tivesse

caderno ou pasta do tempo de escola, ao contar-me percebi que sua narrativa, às vezes, se confundia com a minha e de Sueli.

Durante a realização da textualização da entrevista narrativa de Sueli percebi que a sua relação com a Matemática foi bastante difícil e dolorosa. Sueli conta as dificuldades que enfrentou com as contas e principalmente com a tabuada, conforme destacado abaixo:

Também tenho a lembrança da tabuada que minha mãe ficava fazendo chamada oral da tabuada, e quando eu não obedecia meu castigo era falar várias vezes a tabuada em voz alta. Lembro-me da professora na 3ª série que ela cobrava a tabuada até a do 5, e eu sempre tive dificuldade de memorização da tabuada, comecei a ficar com medo das aulas. Era a professora Sil..... Ela era muito brava e todo mundo tinha medo de cair com ela. (entrevista narrativa da Sueli)

Constatei que na narrativa de Sueli um temor em relação tanto da Matemática como de sua professora, e em casa, a obrigatoriedade em recitar a tabuada como forma de castigo, por conta de algumas vezes não obedecer a sua mãe. Para ir compondo este enredo apresento a minha narrativa dos tempos de escola, especialmente, as memórias que tenho das aulas de Matemática.

Lembrei-me das tabuadas. Tinha que decorar para a chamada oral. O coração da gente parece que ia saltar da camiseta, ou melhor, do guarda-pó branco. Uma espécie de uniforme escolar que ficávamos parecidos como cientista e do sapato colegial. Lembro-me da professora Francisca que tinha unhas grandes e vermelhas e pegava a gente pelo queixo na lousa durante a correção dos exercícios. (narrativa da pesquisadora)

Acrescento que o mesmo aconteceu com a professora Mariana ao recordar-se de suas lembranças do caderno escolar sobre a repetição, principalmente da tabuada. Ela narrou:

O ensino era muito sistemático e a base de memorizações, cópias e repetições, lembro-me do quanto me cansava de escrever a tabuada por repetidas vezes, de decorar formulas e expressões matemáticas e eu tinha um caderno só para fazer a tabuada. (entrevista narrativa da professora Mariana)

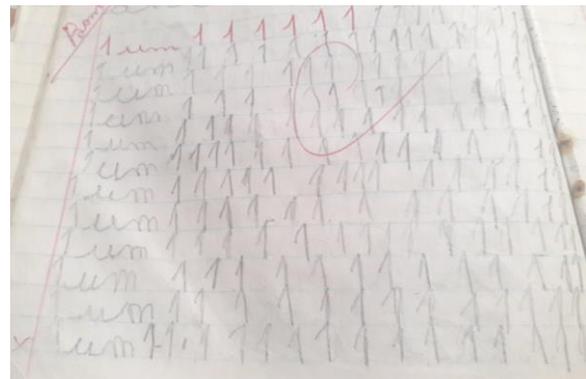
Mariana ao narrar mostra a sua insatisfação em relação ao ensino de Matemática, haja vista que conforme ela mesmo conta “cansava-se” muito. Desta forma, aprender Matemática causou-lhe sofrimento.

O ensino de Matemática vivido por nós era tradicional, evidenciando, por exemplo, o treino exaustivo da tabuada, bem como a “cobrança” por parte da professora que inclusive provocava medo nas alunas (pesquisadora e entrevistada) e em casa acontecendo o mesmo por conta da postura da família de Sueli. Em relação aos sentimentos sobre a tabuada, Gomes (2014, p. 837) aponta os mesmos entraves. “Os relatos sobre ensinar-aprender a

tabuada trazem à cena aspectos afetivos no processo de ensino aprendizagem, entre professor e aluno e entre alunos, bem como relações de poder, refletidas em humilhações, punições e recompensas conferidas aos estudantes.”

A seguir, na tentativa de mostrar outra semelhança no ensino da Matemática, trago, por meio da materialidade, a atividade de Sueli na pré-escola e da pesquisadora no Ensino Fundamental I sobre a grafia dos números.

Figuras 1 e 2: Atividade de números



Fonte- acervo pessoal da Sueli e da pesquisadora respectivamente

Constata-se que ambos os exercícios apresentam uma repetição dos números. Na atividade de Sueli, o número 3 em tamanho maior para o preenchimento do traçado com bolinhas de papel crepom de cor azul e a grafia. Em consonância, o mesmo acontecendo com a atividade da pesquisadora em que aparece a repetição da grafia e escrita do numeral a ser realizado no caderno de classe. Trata-se de uma “tendência tecnicista”³ do ensino da Matemática, conforme destacado por Fiorentini (1995).

Ademais, a atividade de Sueli forneceu indícios do percurso vivido por ela e sugere ainda estar presente na escola de crianças pequenas, já que atualmente ela atua como coordenadora e tem acompanhado o trabalho pedagógico. Na entrevista narrativa, ao ser indagada por mim sobre as atividades de sua pasta com grafia de números ela comenta: “Quer que eu arrume?”

Neste sentido, evidencia-se que embora as reformas curriculares aconteçam com frequência, coexiste a presença de práticas escolares historicamente arraigadas que não tem levado em consideração o potencial do aluno, prevalecendo a cultura escolar que Julia (2001, p.22) comenta de “disciplina do corpo e por uma direção das consciências”. Vale

³ Os conteúdos são dados a partir de passos sequenciais, com instrução programada cabendo ao aluno resolver os exercícios a partir dos enunciados seguindo o modelo.

destacar que não se aqui a pretensão de culpabilizar o trabalho do professor, pois há que se considerar outros aspectos que impactam no fazer pedagógico, no entanto, o processo de reflexão da prática é inerente ao professor.

A partir de uma análise cuidadosa do recorte da entrevista das professoras Sueli e Mariana bem como da narrativa da pesquisadora é possível pensar aspectos sobre a cultura escolar, sobretudo as regularidades presentes as aulas de Matemática do Ensino Fundamental I vivida por elas. Dá-se destaque, portanto, à compreensão da narrativa pessoal. Delory-Momberger (2014, p.22) justifica: “A escrita biográfica não dissocia jamais a relação consigo mesmo da relação com o outro”.

Compartilhar narrativas possibilitou o encorajamento, conforme destacado por Bragança (2012, p. 21) quando se referiu aos professores que eles “[...] possam ir animando a si próprios e a seus estudantes, mobilizando a quem as narra e a quem as escuta [...] afinal, narrar experiências pode funcionar como um antídoto do medo e da inércia reprodutora, para alimentar liberdade e democracia [...]”

As professoras Sueli e Mariana realizaram a escolarização inicial, após a década de 1980, em que houve reformulação da proposta curricular do Estado de São Paulo e, provavelmente, já estivesse instituída, e ela preconizava uma mudança de paradigma do que é ensinar matemática; no entanto, o que se observa na década de 1990, a partir da pasta de Sueli estudando na Educação Infantil e de Mariana por meio de sua narrativa, o que se privilegiou foram os treinos desprovidos de sentido para o aluno. Ademais, o mesmo acontecendo com a materialidade (caderno) da pesquisadora, no ano de 1975, ao cursar o primeiro ano.

Não há dúvida que no campo da Matemática pareceu persistir uma preocupação excessiva com o treino e a mecanização dos algoritmos, impossibilitando que o aluno consiga atingir níveis de abstração tão necessários à aprendizagem.

Ainda em relação às atividades da pasta, a professora Sueli relatou que: “Tudo era ... no dia das mães, na capa, no envelope...”. Ela referiu-se ao seu envelope pardo que continha as atividades realizadas por ela, especialmente os origamis que possivelmente tornaram-se uma “marca” de sua professora da Educação Infantil, pois eles estavam muito presentes nas atividades de Sueli (Figura 3)

Figura 3: Atividade de origami da Sueli na Educação Infantil



Fonte - arquivo pessoal da entrevistada Sueli

A materialidade presente nos materiais escolares de Sueli e da pesquisadora possibilitou a construção da memória. Apoiando-me nos estudos de Bosi (1994), a memória exige envolvimento e ação dos sujeitos. Assim, os materiais possibilitam atribuir sentidos singulares e coletivos estabelecendo uma proximidade com a concepção de Educação Infantil e da matemática escolar vivida.

A partir da materialidade (caderno e pasta) que compõe essa parte de nossa história revela nas entrelinhas, ou nos possíveis desdobramentos que as escolas de educação infantil e dos anos iniciais foram moldadas a partir de uma cultura escolar para a infância, na maioria das vezes, desconsiderando as especificidades de ser criança.

Assim, destaca-se que nas escolas a proposta pedagógica centra-se nos adultos, coexiste a presença de uma cultura escolar, em que se predominaram a cópia, a repetição de letras do alfabeto e os numerais, portanto, exercícios que privilegiam o treino. Em decorrência disso, há o apagamento da voz do aluno nas decisões curriculares, bem como as lacunas na formação inicial e continuada dos professores entre outros fatores.

Um ponto de intersecção entre as narrativas de Sueli, Mariana e da pesquisadora-narradora refere-se ao recorte temporal da escolarização das envolvidas, que embora diferentes, uma da outra, trouxeram muitas regularidades, no que tangem às questões voltadas para a Matemática.

Vale destacar que Sueli e Mariana estiveram nos bancos escolares pela primeira vez há quase 20 anos atrás e as suas narrativas dão indícios de ter vivido um ensino tradicional de Matemática, assim como a pesquisadora por meio de sua narrativa e caderno.

A pesquisadora, ao problematizar as trajetórias do tempo de escola da professora, possibilitou a compreensão da cultura de aula de matemática na qual ela também se

identificou. Assim, esse movimento em que vários atores se colocam em diálogo e compartilham as suas histórias de vida traz à tona, por meio da reflexão, de onde falamos, o que vivemos e sentimos das alegrias e dores do tempo de escola, ou seja, no curso deste rio, nossas paisagens têm espinhos e flores.

Algumas reflexões

Considero que refletir sobre essas lembranças escolares possibilitou-me algumas inquietações. A primeira delas é pensar na narrativa da professora Sueli e nos possíveis significados que se remetem ao sentido dado ao lugar de que se fala. Lugar, esse aqui representado pela escola que é marcado por uma diversidade de sentimentos: alegria, medo e aceitação ou até mesmo certo conformismo das marcas negativas produzidas em algumas situações de sua vida escolar.

A escola configurou-se, no campo das disciplinas, especialmente da Matemática como reflexo de um possível isolamento e de negação das possibilidades de aprender Matemática. O treino e a mecanização parecem prevalecer.

Essa comunicação foi apenas uma tentativa inicial de compreender a fotografia como convite, a narrativa como possibilidade para escutar a professora colaboradora encorajando-a a falar da Matemática presente na sua escolarização. Espera-se que esta brecha aberta possa se misturar a outras vozes e ressignificar nossas (re)descobertas sobre o ensino da Matemática e produzir novos ecos de ressignificação das nossas histórias de escolarização e que elas possam fazer (re)pensar o fazer docente.

Referências

ANDRÉ, M. Pesquisas sobre formação de professores: tensões e perspectivas do campo. In: FONTOURA, H. A.; SILVA, M. (orgs). **Formação de professores, culturas: desafios à Pós-graduação em Educação em suas múltiplas dimensões. Ebook on line. X Encontro de Pesquisa em Educação da Região Sudeste.** Anped, 2011. Disponível em: <http://www.fe.ufrj.br/anpedinha2011/sobre.html>, p.24-36. Acesso em 20 de agosto de 2014.

BENJAMIM, W. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura história da cultura.** 13 ed. São Paulo: Brasiliense, 2011

BOSI, E. **Memória e Sociedade**: Lembranças de Velhos. 3a ed. São Paulo, Companhia das Letras, 1994.

BRAGANÇA, I.F.S. **História de vida e formação de professores**: diálogos entre o Brasil e Portugal. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2012

CLANDININ, J.; CONNELLY, M. **Pesquisa narrativa**: experiências e história na pesquisa qualitativa: tradução: Grupo de pesquisa narrativa e Educação de Professores ILEEL/UFU. Uberlândia: EDUFU, 2011, 250 p.

DELORY-MOMBERGER, C. **Biografia e educação**: figuras do indivíduo-projeto/ Christine Delory- Momberger; tradução e revisão científica Maria da Conceição Passeggi. -2.ed. –Natal, RN: EDUFRN, 2014

FERRAROTTI, F.. Sobre a autonomia do método biográfico. *In*: NÓVOA, A.; FINGER, M. (org.). **O método (auto)biográfico e a formação**. Natal: EDUFRN; São Paulo: Paulus, 2010, pp. 31-57.

FIORENTINI, D. Alguns modos de ver e conceber o ensino de Matemática no Brasil. **Revista Zetetikê**, Ano 3, nº 4, Unicamp, Campinas / São Paulo: 1995, p. 1-35.

GOMES, M.L.M. História da Educação Matemática, Formação de Professores a Distância e Narrativas Autobiográficas: dos sofrimentos e prazeres da tabuada. **Bolema** - v. 28, n. 49, p. 820-840, 2014. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/1980-4415v28n49a18>>. Acesso em 20.05.2016

JOSSO, M-C.. **Experiências de vida e formação**. São Paulo: Cortez, 2004.

JULIA, D. A cultura escolar como objeto histórico. **Revista Brasileira de história da educação**. nº 1, jan/jun, 2001, p. 9-43

KOSSOY, B. **Os tempos da fotografia**: o efêmero e o perpétuo. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2007

PASSEGGI, M.C. Narrar é humano! Autobiografar é um processo civilizatório. *In*: PASSEGGI, M. C; SILVA, V. (Org.) **Invenções de vidas, compreensão de itinerários e alternativas de formação**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010. p. 103-130.

PINEAU, G. Experiências de Aprendizagem e Histórias de vida. *In*: CARRÉ, P; CASPAR,

P. **Tratado das Ciências e das Técnicas da Formação**. Trad. Pedro Seixas. Lisboa: Instituto Piaget, 1999. (Coleção Horizontes Pedagógicos)

SONTAG, S. **Sobre Fotografia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004

VIÑAO FRAGO, A. Por uma história de la cultura escolar: enfoques, cuestiones, fuentes. In: Congreso de La Asociación de Historia Contemporánea, 3., 1998, Valladolid- España. **Anais...** Valladolid- España, 1998, p. 167-183. Disponível em: <http://www.ahistcon.org/docs/Valladolid.Pdf>. Acesso em 20.ago.2014.